A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS INFANTIS TRADICIONAIS PARA A APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA

THE IMPORTANCE OF TRADITIONAL CHILDREN'S PLAYSHIPS FOR THE LEARNING OF GEOGRAPHY

LA IMPORTANCIA DEL APRENDIZAJE TRADICIONAL JUEGOS NIÑOS DE LA GEOGRAFÍA

Ana Cristina Paquier Ventura[1]
Graziella Ribeiro Soares Moura[2]
Teresa Cristina Bruno Andrade[3]

RESUMO: A fragmentação do ensino escolar sem um planejamento interdisciplinar e a falta de brincadeiras tradicionais podem causar prejuízos na aquisição dos conceitos geográficos. Sendo assim, este estudo teve como objetivo evidenciar se a Educação Física escolar revela-se como um momento que produz benefícios para a aprendizagem da Geografia. Esta investigação realizou uma pesquisa de campo em que foi utilizado como instrumento um formulário de observação para as aulas dessa disciplina e uma pesquisa bibliográfica sobre a importância dos jogos para o ensino da cartografia. Frente aos resultados obtidos, buscou-se explanar parâmetros que possam contribuir com uma reflexão sobre as aulas de Educação Física, permitindo possíveis mudanças dessa prática.

Palavras-Chave: Educação. Educação Física. Ensino de Geografia. Brincadeiras Tradicionais. Planejamento Interdisciplinar.

ABSTRACT: Fragmentation of school education without an interdisciplinary planning and lack of traditional games can cause losses in the acquisition of geographical concepts. Thus, this study aimed to show the Physical Education is revealed as a moment that produces benefits for learning geography. This research conducted a field research that was used as an instrument a form of observation for classes this discipline and literature about the importance of games for teaching cartography. Given our results, we sought to explain parameters that can contribute to a reflection on the lessons of Physical Education, allowing possible changes of this practice.

Keywords: Education. Physical Education. Geography Teaching. Traditional Games. Interdisciplinary Planning.

RESUMEN: La fragmentación de la educación escolar sin una planificación interdisciplinaria y la falta de juegos tradicionales puede causar pérdidas en la adquisición de conceptos geográficos. Por lo tanto, este estudio tuvo como objetivo mostrar la Educación Física se revela como un momento que produce beneficios para el aprendizaje de la geografía. Esta investigación llevó a cabo una investigación de

[1] Pedagoga e professora – IESB. E-mail: reraba@ig.com.br
[2] Pedagoga. Doutora em Educação Especial. Docente Fatec Bauru. E-mail: ribeiro.gra@hotmail.com
[3] Licenciada em Letras e Pedagogia. Doutora em Educação e docente. E-mail: tcrisa@uol.com.br

campo que se utilizó como instrumento una forma de observación para las clases de esta disciplina y la literatura acerca de la importancia de los juegos para la cartografía de enseñanza. Teniendo en cuenta nuestros resultados, hemos tratado de explicar los parámetros que pueden contribuir a una reflexión sobre las clases de Educación Física, permitiendo posibles cambios de esta práctica.

Palabras Clave: Educación. Educación Física. Enseñanza de la Geografía. Juegos Tradicionales. Planificación Interdisciplinaria.

INTRODUÇÃO

Os resultados estatísticos sobre o rendimento escolar dos estudantes brasileiros revelam baixo desempenho nas disciplinas de português e de matemática. No entanto, é notório que os estudantes concluem o Ensino Fundamental com poucos conceitos geográficos formados, particularmente da cartografia. Supõe-se que os fatores desse comportamento sejam decorrentes da falta de atividades capazes de maximizar o aprendizado da ciência geográfica que deve ocorrer desde o início da escolaridade. Neste contexto, têm-se as brincadeiras tradicionais (amarelinha, jogos de pedrinhas, barra-manteiga, lenço atrás, mímica, entre outras) como componentes essenciais dos planejamentos didáticos dos professores.

A ausência de atividades lúdicas pode acarretar baixo rendimento acadêmico. No contexto dessa discussão, Kami e Devries (1991) defendem o uso de brincadeiras tradicionais, pois elas permitem que as crianças joguem juntas proporcionando a socialização e aquisição de habilidades como a coordenação motora, fundamental para o aprendizado de conteúdos escolares como a geometria, a cartografia, a leitura e a escrita. A falta dessas atividades desencadeia nas crianças uma lentidão no processo de aprendizagem destes conteúdos.

O presente estudo é parte de uma pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso e baseou-se na preocupação de identificar, nas escolas, aspectos pertinentes à problemática da ausência das brincadeiras e, posteriormente, pontuar sugestões que possam direcionar um trabalho docente voltado às questões das atividades lúdicas.

Acreditando que estes fatores que desorganizam o desenvolvimento infantil estejam interligados à falta do lúdico, o resgate das brincadeiras infantis torna-se primordial para sanar essas lacunas.

Nesse sentido, cabe a questão: É possível que as brincadeiras antigas auxiliem o processo de aprendizado infantil? Assim, a hipótese que permeou o estudo foi: as brincadeiras lúdicas populares são importantes no desenvolvimento da coordenação motora grossa, influenciando no desenvolvimento da aprendizagem dos conteúdos escolares, primordialmente na aquisição dos conceitos geográficos.

Dessa forma, este trabalho de pesquisa teve como objetivo verificar se há utilização de brincadeiras tradicionais nas aulas de Educação Física de crianças do 1° ciclo do Ensino Fundamental, o que corresponde a 1ª e 2ª séries de uma escola pública do município de Bauru, visto que a Educação Física oferece ricas condições e experiências de aprendizagem dos conhecimentos da geografia nesta fase em que essas crianças se encontram que é a da alfabetização geográfica. Além disso, a pesquisa teve como finalidade selecionar algumas brincadeiras antigas capazes de desenvolver inúmeras habilidades, noções e conceitos necessários para se obter o conhecimento geográfico.

Para viabilizar a investigação escolheu-se trabalhar metodologicamente neste estudo, com a pesquisa de campo, tendo como base um formulário de observação elaborado previamente pelas pesquisadoras. Esses dados receberam tratamento qualitativo (LAKATOS; MARCONI, 1991) e empregou-se a Hermenêutica para discussão dos dados, segundo os postulados de Alves (1991).

Foram observadas quinze aulas de Educação Física com a finalidade de analisar as atividades desenvolvidas observando se as brincadeiras infantis que desenvolvem a coordenação motora grossa dos estudantes, entre outras capacidades eram ensinadas nestas aulas.

Após a análise das observações, foram propostos alguns parâmetros que podem contribuir com reflexões e possível aprimoramento dos planejamentos de ensino e, conseqüentemente, maximizar a aprendizagem geográfica dos alunos.

O JOGO TRADICIONAL COMO ELEMENTO DE APRENDIZAGEM

Necessita-se aqui discorrer sobre as brincadeiras infantis tradicionais, para assim situar o leitor neste universo. Este trabalho adotou como brincadeiras os jogos tradicionais infantis que pertencem ao folclore e a cultura infantil os quais tem histórico oral, tais como amarelinha, jogos de pegar, brincadeiras de saltar e jogos de bolinha de gude.

Kishimoto (1999, p. 79) afirma que: "são as contribuições da psicologia de cunho sócio-interacionista que estabelecem um novo paradigma para utilização de jogos tradicionais na escola; acredita-se no papel do jogo na produção do conhecimento".

Neste pressuposto, as concepções sócio-interacionistas são de que ao lidar com um jogo de regras, a criança aprende a desenvolver suas estruturas cognitivas, portanto, o jogo é produto de aprendizagem e promove o desenvolvimento da criança, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem, da afetividade, da coordenação físico-motora e da moral. Nos últimos tempos, tem-se discutido muito a importância da cultura lúdica popular no desenvolvimento cognitivo das crianças.

A ausência das brincadeiras tradicionais no mundo infantil vem aumentando consideravelmente, prejudicando seu desenvolvimento cognitivo. Segundo Friedmann (1996) os jogos tradicionais têm qualidade para sanar as lacunas do desenvolvimento infantil e seu grande valor é permear possibilidades para o estímulo de várias atividades das crianças, sejam elas físicas, motoras, sensoriais, afetivas ou intelectuais. Percebe-se que essas brincadeiras são de grande auxílio no trato das deficiências de coordenação motora grossa e que influem no desenvolvimento cognitivo.

Acredita-se que uma infinidade de brincadeiras deve ser resgatada para que a escola consiga melhorar o desempenho discente. A falta dessas brincadeiras que devem fazer parte do mundo infantil, ocasiona a falta de criatividade, bem como a descentração e a dificuldade de ouvir, contribuindo para a formação de crianças que não se interessam pela escrita, pela leitura, pela cartografia e pela geometria.

Além disso, muitos são os estudos que têm evidenciado as finalidades dos jogos no ensino. Kishimoto (1994, p. 94) afirma que "o jogo é importante para o desenvolvimento infantil porque propicia a descentração, aquisição de regras, a expressão do imaginário e apropriação do conhecimento".

O jogo infantil tradicional, além de ser um fato importante do desenvolvimento cognitivo, também valoriza o conhecimento dos antepassados dos alunos, constituindo um valioso material para o conhecimento da criança. Friedmann (1996, p. 52) afirma que

> os jogos tradicionais infantis têm qualidade que podem satisfazer as necessidades de desenvolvimento da criança [...] seu grande valor está em apresentar ricas possibilidades para o estímulo de várias atividades nas crianças: físicas, motoras, sensoriais, sociais, afetivas, intelectuais, lingüísticas.

Percebe-se que as brincadeiras infantis são de grande auxílio no trato de deficiências motoras combatendo também a intelectualização excessiva da maior parte das atividades da escola; o jogo que envolve o corpo e os sentidos pode melhorar o desenvolvimento da coordenação motora ajudando a superar o isolamento vivido por nossas crianças (jogos em grupos).

Assim previsto no Parâmetro Curricular Nacional de Educação Física (BRASIL, 2000) o jogo deve ser elemento essencial nas atividades no primeiro ciclo se perpetuando na educação para atingir os objetivos propostos.

ANÁLISE DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA

Conforme citado anteriormente, as pesquisadoras observaram quinze aulas de Educação Física de duas classes de 1° ciclo do Ensino Fundamental (1ª e 2ª séries) de uma escola pública de Bauru, a fim de verificar se nestas aulas estavam sendo usadas as brincadeiras infantis tradicionais.

A finalidade de observar as aulas de Educação Física situa-se na questão de que estas aulas são momentos ricos para se ensinar e aprender brincadeiras tradicionais que beneficiam capacidades motores, intelectuais e emocionais necessárias para a aquisição de conceitos da matemática e da geografia, particularmente da cartografia. Esta questão direciona um trabalho pedagógico interdisciplinar muito importante.

Para a coleta de dados, foram elencados itens a serem observados, construindo-se um formulário de observação de acordo com os pré-requisitos da alfabetização da língua materna, da matemática e da geografia, entretanto, este texto direciona-se apenas as questões concernentes ao ensino da geografia.

Durante as observações foi possível perceber que são oferecidas atividades diferenciadas, porém poucas utilizaram brincadeiras tradicionais.

A maioria das crianças apresentou dificuldades na coordenação motora, no que se refere aos grandes músculos, impossibilitando-as de executar as brincadeiras. Muitas vezes, o professor necessitava orientar cada aluno, pois eles não conseguiam desviar-se dos obstáculos mostrando a dificuldade para determinar a lateralidade esquerda e direita do seu corpo.

Foram observadas brincadeiras de basquete estilizadas com o objetivo de acertar o cesto localizado no chão. Outra atividade semelhante foi o acerto de arcos ou argolas em cones. Muitas crianças não tinham noção de distância bem definida, resultando em dificuldades de realizar a atividade.

A professora aplicou algumas brincadeiras tradicionais adaptadas, como o jogo de perseguição. Percebendo a dificuldade que as crianças tinham de se organizar a docente mediava a brincadeira. Durante as quinze aulas percebeu-se que foram realizadas as mesmas brincadeiras, porém, a professora modificava-as em termos de grau de dificuldades.

De acordo com as observações destas aulas foi possível verificar que o lúdico tradicional é pouco explorado na escola.

Segundo o Parâmetro Curricular Nacional de Educação Física (BRASIL, 2000), nos anos iniciais escolares a criança já deverá ter conhecimento sobre o movimento do seu corpo, (cultura corporal), porém, aquelas que não tiveram essas competências desenvolvidas, espaço e oportunidade de brincar devem obter por meio das aulas de Educação Física. Deverá ser trabalhado também o repertório cultural de onde a escola está inserida, permeando as relações sociais e promovendo a aprendizagem emocional.

Estas atividades devem fazer parte do planejamento das aulas de Educação Física como também de outras disciplinas, como a Matemática e a Geografia, contemplando a diversidade de experiência de cada aluno.

As brincadeiras tradicionais são importantes porque desenvolvem a coordenação motora em vários aspectos, no entanto, observou-se que estas atividades foram dirigidas sem propiciar autonomia do educando.

Para Kami e Devries (1991) é necessário que as brincadeiras, permitam que as crianças joguem juntas, com regras e objetivos a serem estabelecidos e alcançados. Quando brinca, a criança está em contato com desafios e problemas e estes devem sempre ser solucionados por ela. Por isso, brincar é uma forma de resolver problemas em que o instrumento utilizado é o próprio corpo.

Ao brincar, a criança pensa, reflete e organiza-se internamente para aprender aquilo que ela precisa e o que ela quer. Por isso, é necessário que o professor seja o mediador, que ensine a criança a

refletir sobre suas conquistas e desenvolvimentos proporcionando o conhecimento palpável e verdadeiro.

Para tanto, a brincadeira deve propor alguma situação desafiadora para que a criança possa resolver, permitindo a inclusão e participação de todos, proporcionando o desencadeamento do processo do raciocínio e permitindo que os participantes do jogo auto-avaliem seu desempenho.

Ainda segundo os autores, os jogos de perseguição, além de atender as necessidades de movimento nesse estágio, proporcionam a descentração de pensamentos e a elaboração de estratégias. Para fugir do perseguidor, essas estratégias exercitam o raciocínio espacial, levando a criança a adquirir consciência de seus próprios recursos corporais.

Diversos estudos indicam que a construção da noção espacial é uma aquisição que se prolonga por muitos anos, em que no primeiro momento, a idéia do "eu estou aqui e as outras coisas não estão", é a que prevalece. Para se reconhecer como parte de um espaço mais amplo é necessário um salto grande que acontece a partir de situações de aprendizagem propostas pelo professor.

Para desenvolver a potencialidade espacial, a criança tem que experimentar hipóteses, mover-se no espaço, reorganizá-lo e estabelecer comparações. Essa aprendizagem será necessária no estágio da alfabetização seja da língua materna ou cartográfica, pois é nesse momento que esses aspectos serão requisitados para aquisição da escrita, bem como da alfabetização geográfica.

Pensar na organização espacial como necessidade que nasce (de dentro pra fora), nos indica que as aulas de Educação Física contribuem para o desenvolvimento da criança na alfabetização geográfica. Portanto, faz-se necessária uma proposta diferenciada nas aulas dessa disciplina, em que com o tempo, a organização do esquema corporal, a orientação e percepção espacial, possibilitem aos alunos a evolução do esquema corporal, da lateralidade, da coordenação viso-motora e da capacidade de orientar-se, mover-se no espaço em que vivem, proporcionando-lhes habilidades como discriminação visual, memória-visual e a percepção de reações espaciais que são importantes para desenvolver a capacidade cognitiva e, assim, auxiliar o desenvolvimento da escrita, das relações temporais, da leitura de mapas e a construção de maquetes.

Na perspectiva da discriminação visual e da memória, as brincadeiras são a todo o tempo exercícios para desenvolvê-las sem se tornarem tarefas repetidas e cansativas. Pulando corda, por exemplo, a atenção da criança se volta ao ouvir cantigas rimadas enquanto coordena movimentos físico-motores, como pular em graus fracos e fortes. A brincadeira ainda permite a formação de regras e respeito, proporcionando um desenvolvimento global da criança.

Nas brincadeiras observadas, notou-se a prática de regras verbais por parte da professora, as quais nem sempre foram ouvidas e praticadas pelas crianças, pois a autonomia e o respeito mútuos, não foram devidamente estabelecidos, o que dificultou a instalação de novos conceitos.

O desenvolvimento da lateralidade é um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento da cartografia requerendo auxílio do professor através do estímulo e do encaminhamento enquanto se fizer necessário.

Ante a alfabetização, a criança precisa executar movimentos amplos e movimentar ao máximo os dedos e as articulações do braço, proporcionando assim um desenvolvimento motor global; o mesmo ocorre com a representação espacial e a consciência do sujeito no espaço. Nesse estágio, a criança dirige intencionalmente as explorações com fim específico, chegando a ele com uma memória do corpo com segurança e sem dificuldade, dispondo dessa mesma memória carregada de afeto e de prazer. É preciso que o educador propicie à criança a formação de sua própria lateralidade, permitindo-lhe realizar suas experiências motoras livremente.

Estudos indicam que as atividades sensório-motoras são, sem dúvida, contribuições importantes para a interação da criança em ações motoras, visuais, táteis e auditivas em relação aos objetos de seu meio. A brincadeira e o jogo são meios condutores para o desenvolvimento físico e motor que devem ser aproveitados num trabalho interdisciplinar em outras áreas de desenvolvimento.

Neste sentido, as brincadeiras infantis, não devem aparecer como passatempo na escola, mas componentes fundamentais para o aprendizado de conteúdos específicos da geografia, por isso, o uso destas brincadeiras deve ser estimulado, seja em casa ou na escola, nos tempos livres ou ainda como recursos nas aulas de Educação Física e ainda na sala de aula como estratégia para o aprendizado.

A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA

Segundo Kozel e Filizola (1996) o trabalho sobre o conceito de espaço é alcançado gradativamente pelos estudantes. Primeiramente a criança toma contato com o espaço de ação, ou seja, o espaço vivido, experimentado. A partir deste contato é capaz de construir a ideia de espaço concebido, mais abstrato. Neste sentido, as brincadeiras estudadas nesta pesquisa se constituem aparato fundamental para a aquisição deste conceito de espaço, pois no uso de jogos infantis tradicionais como o de amarelinha, corda, bola, pegar e esconder, é possível elaborar variadas formas de utilização desses recursos para desenvolver noções de orientação e percepção espacial.

Ainda segundo os autores, nas séries iniciais o trabalho com espaço envolve conceitos de orientação e localização: em cima/embaixo, perto/longe, na frente/atrás, ao lado/entre, esquerda/direita. Adquirindo estas noções a criança organiza a relação corpo-espaço, verbaliza e chega, assim, a um corpo orientado que lhe servirá de padrão para auxiliá-lo na aquisição da representação espacial.

As brincadeiras tradicionais estimulam a coordenação motora grossa, com movimentos amplos de transportes de objetos (bola), melhora os movimentos e as articulações do braço e pulso (jogo de argola), movimentos globais (abaixar, levantar, andar do lado esquerdo, direito) que são pré-requisitos para a alfabetização cartográfica. No jogo de perseguição, a criança deve perseguir e alcançar o adversário desenvolvendo áreas do conhecimento (como a físico-motora) e propiciando agilidade na corrida e no reflexo. Na área cognitiva são trabalhadas a seqüência numérica e orientação espacial em que o aluno planeja e experimenta estratégias para fugir ou para perseguir.

O jogo de amarelinha desenvolve as áreas físico-motoras, como o equilíbrio e a lateralidade, requerendo destreza corporal para pular alternadamente dentro do espaço estabelecido. Na área cognitiva desenvolve conceitos matemáticos, como seqüência numérica com a ordem dos pulos e das jogadas; a noção espacial é desenvolvida tentando acertar a casa determinada.

Os conceitos que permitem à criança compreender sua realidade partem da observação do meio mais próximo do estudante, da sua localização e representação, por isso atividades como estas são imprescindíveis na escola.

As atividades de esquema corporal apresentam-se como requisitos primordiais para o conhecimento dos mapas e os jogos e brincadeiras nas séries iniciais que envolvam o esquema corporal devem fazer parte integrante dos planos de ensino (KOZEL; FILIZOLA, 1996). O primeiro referencial de espaço da criança é seu corpo e à medida que vai adquirindo experiências por meio de atividades corporais consegue situar um objeto em relação ao outro. Conforme a criança transfere para outros objetos as posições ligadas à lateralidade (esquerda-direita), amplia as noções de orientação que promovem a compreensão da noção de pontos cardeais. Para Friedmann (1996) explorando o corpo e o espaço, a criança se desenvolve, sendo a ação psicomotora a precursora do pensamento representativo e cognitivo.

Os jogos tradicionais podem favorecer a interação que a criança estabelece através do movimento permitindo alcançar controle e intencionalidade progressivos, isto possibilita maior conhecimento e consciência sobre suas ações. É nesse estágio de conhecimento, que a criança dirige intencionalmente a exploração a um fim específico, chegando a ele com segurança e sem dificuldades.

Observou-se nas aulas de Educação Física que, embora as atividades trabalhadas objetivavam esta proposta, não significou que os conhecimentos foram absorvidos pelas crianças e utilizados em outras situações. Faz-se necessário que os professores intensifiquem seus procedimentos, pois, o

conhecimento melhor desenvolvido de seu próprio corpo conduzirá a criança a desenvolver habilidades internas colaborando para a aquisição da escrita e cartografia.

Para compreender a planta e o mapa, a criança necessita dominar algumas informações sobre o meio representado. Estas informações podem ser adquiridas por meio das brincadeiras nas aulas de Educação Física. A ausência destas atividades acentua a dificuldade em transferir um conjunto de elementos tridimensionais para uma superfície plana com duas dimensões (comprimento e largura), necessário para o entendimento dos mapas.

CONCLUSÃO

Ao longo desse trabalho pretendeu-se contribuir para a evolução das aquisições de saberes das crianças. A presente pesquisa demonstrou que o lúdico constitui-se elemento básico para melhorar a organização motor-espacial da criança.

Um dos fatores que leva a ausência das brincadeiras tradicionais no cotidiano de tais crianças atualmente, é que pouco do folclore se tem passado na escola, (entendendo por folclore toda uma cultura, em que estão presentes as brincadeiras tradicionais).

É possível considerar que os professores de Geografia e de Educação Física devem trabalhar conjuntamente com o intuito de realizar uma prática pedagógica que contemple as brincadeiras tradicionais, poderosos instrumentos de obtenção de habilidades motoras e cognitivas.

Importante ressaltar o perigo de se oferecer atividades desconhecendo os conceitos prévios dos alunos, ou seja, o que a criança sabe até o momento e o que ela necessita aprender para realizar a brincadeira e adquirir as capacidades desejadas. Enfim, é preciso se preocupar com o brincar das crianças, levando-as a perceber que seu corpo e seu espaço com imaginação e criatividade, facilitam o aprendizado individual e coletivo.

Para tanto, deseja-se concluir que o "brincar de que", é um componente de vital importância para aquisição da leitura e escrita cartográficas, por isso, é um dever de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem (diretores, professores, pais, inspetores, entre outros) se prepararem para lidar com esse desafio.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n.77, p. 53-61, maio, 1991.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física.* 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FRIEDMANM, A. *Brincar*: crescer e aprender - o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

KAMII, C.; DEVRIES, R. *Jogos em grupos na educação infantil.* São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.

KISHIMOTO, T. M. *O jogo e a educação infantil*. São Paulo: Pioneira, 1994.

_____. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.* 3 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

KOZEL, S.; FILIZOLA, R. *Didática da Geografia.* São Paulo: FTD, 1996.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. *Fundamentos da Metodologia Científica.* 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.